

Redescoberta da Perspectiva Escatológica na Teologia Contemporânea

MOISÉS CAVALHEIRO DE MORAIS

Rediscovery of the eschatologic Perspective in modern Theology

The eschatologic theme has always existed in the Church, but we can speak about a rediscovery, because, in ancient times, it was a final chapter in Theology, while in our days it is a central thought in Christianity. The Church thought about itself more as an institution than as a hope to be announced. In our days we stress a tension between a future open to man and a present seen as an important part of this future. Through individualistic emphasis given to the announcement of redemption the eschatologic doctrine of the kingdom of God has been kept in a secondary level. The renewal of the studies about the New Testament underlines again the eschatologic ideas of the Church of the first century. The coming up of the humanistic eschatologies had an influence, as the eschatology of Marxism, that present an historic future well defined and attractive, positively explored by Ernst Bloch. Equally we feel the influence of Technology and the present scientific humanism, that forces Church to think about the future of man and Church, the Kingdom of God. The hope of this Kingdom must combine with the New Testament and with the way of thinking of modern man. In this way are deficient the "consistent" eschatology, which depreciates the meaning of the Church for the present, and the eschatology "developed" in history. The more coherent view is the one that focuses the Kingdom in the present as well as in the future, Christ alive in history giving the feeling of a tension between "now" and "not yet". In this view the thought of Moltman has now more evidence. He presents a political theology, responsible for the building of the future in a prophetic sense, based on the hope of resurrection. The rediscovery of a redimensioned eschatology call the Church to find the true way of christian love, responsible and hopeful, open to the true future in christian unity.

Palavra introdutória

Ainda me estou a perguntar se aqui está quem deveria apresentar esta palestra, nesta semana de reflexões sobre a teologia da esperança. E essa interrogação resulta de três observações: 1. Quem está a falar encontra-se muito mais envolvido com o ministério pastoral do que com o magistério teológico, tendo de preparar esta palestra em meio às correrias do trabalho sempre mais exigente de uma igreja local; 2. o reconhecimento das próprias limitações por parte de quem fala, que o faz sentir-se como o marxista que, conforme conta Harvey Cox, ao falar, na Áustria a uma assembléia da Fed. Mundial de Estudantes Cristãos, disse que se sentia como um leãozinho numa imensa cova cheia de Daniéis; 3. a falta de conhecimento, de quem fala, da perspectiva católica no campo da escatologia, o que força ainda mais a parcialidade deste trabalho.

Aceitamos o convite para esta participação também por três razões: 1. Porque entendemos o objetivo dos organizadores desta semana de dar uma perspectiva ecumênica às reflexões, a que não nos poderíamos furtar; 2. Porque o convite a um "protestante" parecia indicar o reconhecimento da contribuição protestante e reformada para a redescoberta da perspectiva escatológica; 3. Porque as limitações deste trabalho serão cobertas pelo trabalho em grupo.

Este estudo comporta três fases: 1. Uma tentativa de enumeração dos fatores que causaram a redescoberta do tema escatológico; 2. Uma visão panorâmica da escatologia nos teólogos contemporâneos; 3. Algumas observações finais.

I A redescoberta do tema escatológico

A rigor não se pode afirmar que a escatologia tenha sido um tema esquecido da teologia cristã. O tema da escatologia sempre esteve presente na história da Igreja. Podemos falar, porém, da redescoberta deste tema pelo menos pelas seguintes razões:

1. Por muito tempo o tema escatológico ficou confinado a um capítulo final da teologia sistemática. — Hoje, o tema escatológico é parte central de todo o contexto do pensamento cristão: a Igreja é a comunidade escatológica; os sacramentos são sinais escatológicos; o ministério é o ministério da esperança cristã; a revelação de Deus em Cristo é a revelação escatológica, isto é, o Deus que veio e que é, é o Deus que virá; e assim por diante.

2. A Igreja, no curso de sua história, tem estado por largo tempo mais voltada para si mesma, como instituição, do que para a esperança cristã que anuncia. Bem pergunta Peter Müller-Goldkuhle: "Não seria a institucionalização generalizada da vida da Igreja um abandono da expectativa da vinda de Cristo, e, portanto, uma apostasia da herança apostólica?" (1). Claro está que a compreensão apocalíptica da Parusia, desvanecida pelo retardamento da volta do Senhor — então atribuído à misericórdia de Deus — ao lado do paralelo desenvolvimento da instituição, no período pós-apostólico, provocou essa falta de acentuação do tema escatológico. Hoje se dá o inverso. A Igreja toma consciên-

(1) Peter Müller Goldschule — Concilium, 1969, N.º 1, p. 21.

cia de sua missão em relação ao mundo contemporâneo. Começa a perceber que o evento tem de sobrepôr-se à instituição e, então, renasce o tema escatológico.

3. A tensão escatológica foi atenuada, na Igreja, pelo fenômeno da constantinização. A Igreja, prestigiada oficialmente, por fim livre das condições de comunidade estigmatizada e perseguida, cede ao pensamento de que é chegado o fim dos tempos (Agostinho, por exemplo). A tensão ainda existente com os padres apostólicos (Ex.: Inácio — Filas 9. 2), dá lugar a um triunfalismo que joga para um futuro remoto tudo que não se pode interpretar como presente. Hoje, ao contrário, nos mais conspícuos círculos teológicos, recomeça-se a celebrar a tensão entre um futuro aberto ao homem e o presente que é visto como parte importante desse futuro. A história é vista como prenhe de significado escatológico, razão pela qual os críticos de Bultmann desconfiam de sua distinção entre "Geschichte" (afirmação da fé) e "Historie" (fatos materiais da história, verificáveis), pôsto que êle não dá a devida conta ao fato de que os atos redentivos de seus ocorrem, afinal de contas, objetiva e irredutivelmente no tempo histórico.

4. A perda da perspectiva escatológica decorreu ainda da ênfase individualista, por largo tempo, na proclamação da Igreja, com o conseqüente afastamento para um plano secundário da doutrina do Reino de Deus e de todo o tema escatológico; isto é, o cristianismo em geral, e o protestantismo em

particular, concentraram-se sôbre a redenção do indivíduo através de Cristo, sem incluir nesse conceito de redenção o cumprimento e plena realização do Povo de Deus em Seu Reino. Schweitzer observou, com propriedade: "É tempo da cristandade examinar-se e ver se nós realmente temos fé no Reino de Deus ou se meramente retemos a idéia como fraseologia tradicional" (2). — Contemporaneamente, corrigindo a reflexão da Igreja, os teólogos têm analisado cada expressão da Bíblia que diz respeito às "últimas cousas" e ao Reino de Deus. É conhecimento comum que os estudos do Nôvo Testamento têm descoberto e reenfatizado o rico depósito de idéias escatológicas que permearam a atmosfera religiosa da Igreja do primeiro século. As palavras de Jesus, o "background" do apocalipticismo judaico e as insinuantes interpretações paulinas e de outros escritores do Nôvo Testamento, combinam-se para apresentar vasto material de estudo e exposição do tema escatológico. Não é de admirar, pois, que na redescoberta deste tema, teólogos e eruditos tenham chegado a tantas conclusões conflitantes, pois as fontes são plenas de variedade e tantas vêzes enigmáticas.

5. É preciso reconhecer também que a redescoberta do tema escatológico está relacionada ao surgimento de uma escatologia humanista, a do marxismo. Jürgen Moltmann, na análise que faz de sua própria peregrinação intelectual (3), observa criteriosamente que, — apesar de a redescoberta do cará-

(2) A. Schweitzer — *The Mysticism of Paul the Apostle*, p. 385.

(3) Jürgen Moltmann — *Politics and Practice of Hope — Christian Century*, Vol. LXXXVII, N.º 10

ter escatológico da mensagem de Jesus é da primitiva comunidade cristã, do ponto de vista exegetico, se ter dado por volta de 1900, com Johannes Weiss e Albert Schweitzer —, essas descobertas permaneceram limitadas à exegese, e que somente o diálogo cristão-marxista provocou um efetivo transplante de conceitos que facilitaram a articulação teórica e prática da perspectiva escatológica da fé cristã. Esta é, fundamentalmente, uma esperança de transformação e vitória, em relação ao mundo. Não há dúvida sobre esse fator da redescoberta do tema escatológico em nosso tempo. O marxismo propõe uma escatologia definida, clara, que se tem tornado a esperança dos sem esperança. Como filosofia da história que chama o homem à responsabilidade de participar e recriar a história da qual ele próprio se torna um produto, o marxismo exerce um fascínio imenso. Nesse sentido de contribuição a redescoberta da perspectiva escatológica não se pode deixar de citar Ernst Bloch, professor marxista. Para ele o tema básico da filosofia não é, como em Heidegger; "o sentido do ser daquilo que é", mas "aquilo que ainda não está culminado, o torrão natal ainda não possuído" (4). É assim que Moltmann se acha em dívida com Bloch (5), exatamente pelo "princípio da esperança" que nele encontra.

6. Na mesma linha de pensamento precisamos nos referir, ainda, de modo geral, a todo o contexto cultural de nosso tempo que empurrou a Igreja e os teólogos para a redescoberta da perspectiva

escatológica. Esclarecemos: relegada a perspectiva teológica a um segundo plano, no passado, a sociedade secularizada passou a definir a esperança (como faz o marxismo) como a procurar cumprimento dentro dos limites da vida humana, chamando o homem à participação. Assim acontece com todo o naturalismo otimista: a esperança marxista de uma sociedade sem classes, livre de lutas e temores; a fé humanista no progresso e na perfectibilidade ascendente do homem, através do desenvolvimento científico e tecnológico; o ativismo feroz do indivíduo, povo ou nação que procura cumprimento na pura força; o panteísmo romântico ou especulativo que encontra redenção na aquiescência. Todas essas tendências são manifestações escatológicas que obrigaram a reflexão da Igreja, em relação ao futuro do homem, da Igreja, e ao Reino de Deus.

7. Também não é possível desconhecer entre os fatores determinantes da redescoberta da escatologia, de modo especial, a indagação teleológica suscitada inarredavelmente pelo avanço da ciência e da tecnologia. "O homem é ser histórico. Não nasce como um produto acabado. Torna-se o que é em sua relação com a história", como observa Rubem Alves (6). Se o homem é um ser aberto para o mundo e para a história, a transformação rápida do mundo e da história pelo avanço científico e tecnológico afeta-o de modo singular, destruindo-lhe vorazmente valores e conceitos armazenados numa cultura milenar e despertan-

(4) Cit. H. Cox — Que a Serpente não decida por nós, — p. 22.

(5) J. Moltmann — Art. cit.,

(6) Rubem A. Alves — A Theology of Human Hope — p. 3.

do nêle essa interrogação: "nesse passo, para onde vamos?". Como diz Paul Tillich, o homem faz indagações religiosas sob aparências irreligiosas. As perguntas sôbre direção da história, sôbre últimas cousas, sôbre finalidade, sôbre sentido da vida, se confundem no tema escatológico para cujos limites o intérprete da história e o teólogo são atirados mais e mais.

8. Por fim, nesta despretenciosa enumeração, aberta, evidentemente, para incluir outros fatores concorrentes à redescoberta do tema escatológico, é preciso fazer referência à influência da filosofia existencialista. Basta referir aqui a posição de Rudolf Bultmann, o velho professor de Nôvo Testamento, em Marburg, o qual, se na sua exegese é radical na desmitologização e na sua teologia é profundamente escatológico, encontra validade sômente nas categorias oferecidas por uma "interpretação existencialista como a única solução" (7) para entender a mensagem do Evangelho.

II Escatologia em teólogos contemporâneos

a) Ritschl, Weiss e a síntese

Os aspectos redentivos e escatológicos se tornaram fracos e incompletos no correr dos tempos, em contraste com a forte unidade desses aspectos na fé da Igreja Primitiva. Se tal fé deve ser considerada como normativa para a nossa fé hoje, devemos concluir com Schweitzer que "ser um cristão significa estar possuído e dominado pela esperança do Reino

de Deus" (8). Mas o problema está em articular tal esperança de modo que seja ao mesmo tempo consistente com o Nôvo Testamento e inteligível ao nosso modo de pensar hoje. Uma visão panorâmica das teologias contemporâneas nos faz conscientes dêsse problema que nos põe perplexos.

Da idéia Ritschliana do Reino como uma ordem moral progressiva dentro da história, com sua ênfase sôbre a construção do Reino de Deus na terra, os teólogos se deslocaram abruptamente para a posição completamente antagônica, cujo expoente máximo foi Johannes Weiss, de que o Reino nada envolve da presente ordem do mundo, mas que é puramente escatológico e não-histórico, como último dom divino, ao invés de uma construção humana. Mais recentemente, no entanto, a tendência foi para a síntese entre êsses dois extremos, uma síntese que leva em conta tanto a divina revelação de Deus em Seu Filho, como a ação de Deus na esfera da história, com a cooperação do homem.

b) Escatologia "consistente"

Não resta dúvida que os estudos de Johannes Weiss marcaram decisivamente todos os estudos do Nôvo Testamento e da teologia dogmática posteriores. "Seu livro 'A Pregação de Jesus a respeito do Reino de Deus', publicado em 1892, tem, em seus próprios limites, uma importância igual à da primeira "Vida de Jesus", de Strauss. Weiss suscita a terceira grande alternativa que o estudo da vida de Jesus despertou. A pri-

(7) R. Bultmann — *Kerygma an Myth*, p. 15
(8) A. Schweitzer — *Op. cit.*, p. 384.

(9) A. Schweitzer — *The Quest of the Historical Jesus*, p. 237.

meira, colocada por Strauss foi: puramente história ou puramente sobrenatural. A segunda, colocada pela escola de Tübingen e Holtzmann foi: sinótica ou joanina. Agora aparece a terceira: escatológica ou não" (9).

Na mesma linha de Weiss colocou-se Albert Schweitzer, o qual, mesmo admitindo a autenticidade da passagem de Mt. 16, 18 ("Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja..."), declara que Jesus se refere não à Igreja sobre a terra, mas à comunidade dos santos que está para ser manifestada na vinda do Filho do Homem, em acordo com a profecia de Enoque (10). A Igreja é concebida, pois, como uma entidade escatológica, sem significado para o presente. Para Schweitzer a pergunta é esta: Preocupar-se-ia Jesus em edificar uma Igreja que daí a pouco seria destruída? Conforme Schweitzer, Paulo procurou explicar a existência do povo eleito entre a ressurreição e a volta de Cristo, ensinando que participavam da nova vida da ressurreição com Cristo, durante o tempo da expectativa (11). Assim Paulo queria mostrar que a comunidade dos eleitos já gozava dos poderes espirituais sobrenaturais mesmo antes da ressurreição dos mortos no último dia. Diz Schweitzer: "Como os crentes morreram e ressuscitaram com Cristo, e possuem o Espírito, são já participantes do Reino de Deus, embora não sejam manifestados como tal até que o Reino comece" (12). Dessa forma Schweitzer percebeu em Paulo o caráter dialético

da relação Igreja—Reino de Deus, de modo que, de alguma forma, o Reino está presente e, contudo, se realiza no futuro.

c) Escatologia "realizada"

Como a contrapartida da escatologia "consistente" surge, com C. H. Dodd, a escatologia "realizada". Diz êle que "enquanto a escatologia judaica encara o fim do processo histórico como o cumprimento necessário do qual depende o sentido da história, o cristianismo acha o cumprimento da história numa série de eventos atuais — dentro da história — especialmente a vida, a morte, a ressurreição de Jesus, e a aparição da Igreja como a portadora do Seu espírito. A história, diz êle, de fato ainda prossegue e em uma perspectiva distante terá um fim. Mas enquanto isso o verdadeiro "eschaton", o evento no qual seu significado é conclusivamente revelado, já se tornou objeto da experiência" (13).

Para Dodd, portanto, a escatologia não é mais objeto da expectativa cristã. Não podemos reproduzir aqui toda a discussão em torno de suas idéias, mas podemos dar algumas de suas principais linhas de pensamento. Dodd procura mostrar que, a despeito das referências de Jesus sobre o Reino "por vir", os ditos que declaram o Reino como já "vindo" são explícitos e inequívocos (14), e acrescenta: Não os discípulos, nem os evangelistas, mas o próprio Jesus foi quem primeiro interpretou Seu próprio ministério, morte e ressurreição como a irrupção do Reino de

(10) A. Schweitzer — *The Mysticism of Paul the Apostle*, p. 103.

(11) A. Schweitzer — *Op. cit.*, p. 109.

(12) A. Schweitzer — *Op. cit.*, p. 120.

(13) C. H. Dodd — *The Kingdom of God and History*, p. 23.

(14) C. H. Dodd — *The Parables of the Kingdom* — Fontana Books, p. 36.

Deus" (15). Cinco pontos êle apresenta para comprovar sua teoria: a) a vinda de Jesus é "a plenitude do tempo" (kairós) em que os profetas disseram viria o Dia do Senhor; b) o "braço do Senhor é pôsto a descoberto" nos muitos "atos poderosos" que Jesus realizou entre o povo; c) os poderes do mal são sobrepujados e expulsos, no seu ministério; d) o julgamento tem lugar na presença de Cristo, em cuja luz os homens podem reconhecer suas trevas pecaminosas; e) a vida eterna é realizada na experiência daqueles que crêem na ressurreição de Jesus (16). Não se pode duvidar da valia dessas afirmações, mas a visão de Dodd parece marginalizar tôda outra evidência neo-testamentária sôbre a transitoriedade da Igreja e sôbre a incompletude do Reino no presente. Não se tem de reconhecer, com Paulo, que o Reino é realizado agora apenas como um "arrhabon", um penhor (2 Co. 1. 22; 5.5); Ef. 1.14)? Embora atraente como é, a teoria, de Dodd parece não fazer justiça ãos ensinamentos de Jesus, quer aos ensinamentos apostólicos, que se relacionam claramente com o "cumprimento futuro" do Reino de Deus. Esse esquema de pensamento dificilmente pode ser aceito sem jogar o Reino de Deus à categoria de um mero mito ou símbolo. Dodd mesmo chegou a declarar explicitamente que o julgamento final é um conceito mitológico e simbólico da teleologia cristã (17). Não seria consistente então considerar a idéia do Reino

de Deus da mesma maneira?

c) O Reino "já, mas ainda não"

Muitos teólogos contemporâneos concordam com Vincent Taylor quando êle observa que "as discussões sôbre se o Reino é presente ou futuro são estéreis, pois êle é as duas cousas ao mesmo tempo" (18). O que deve ser levado em conta como decisivo não é nem mesmo o que Jesus ensina, mas Êle próprio vivendo na história. Essa tensão do "já" e "ainda não" não pode ser simplesmente acomodada para tornar fácil um esquema intelectual. Sempre encontraremos na Escritura o que Rudolf Otto chama de "uma peculiar dupla face, que aparecerá sempre como paradoxal" (19). Isso significa que há uma tensão entre o Reino como presente em Jesus Cristo e sua Igreja e o Reino que está para ser consumado. Emil Brunner acentua essa mesma tensão embora de maneira diferente. Diz êle: "O último, o absoluto fim, isto é, o Reino de Deus, começa nesta comunidade, a Igreja". Mas o fato de que é apenas o "começo" e não a "plenitude" deve ser sublinhado. "A Igreja é o véu histórico terrestre que oculta o Reino, ou, mudando a figura, ela é já o Reino em forma de servo" (20).

Não falaremos aqui, evidentemente, das tentativas de fixar datas da Parusia que muitas vezes são feitas por fanáticos adventistas. Existe, porém, o problema do tempo em relação ao "eschaton". Há divergências entre os teólogos con-

(15) C. H. Dodd — The Kingdom of God and History, p. 32.

(16) C. H. Dodd — The Apostolic Preaching and Its Developments, p. 85ss.

(17) C. H. Dodd — History and the Gospel, pp. 168-171.

(18) Vincent Taylor — Jesus and His Sacrifice — p. 9.

(19) Rudolf Otto — The Kingdom of God and the Son of Man, p. 62.

(20) E. Brunner — The Divine Imperative, p. 526

temporâneos sôbre se o Reino se cumprirá dentro do tempo histórico ou na esfera da eternidade. Paul Tillich não nega a possibilidade de um fim infra ou supra-histórico, porque ambos pertencem à fé cristã. Entretanto, sustenta êle, a menos que saibamos que podemos falar do fim sômente em símbolos, e nisso sômente em termos negativos, fãcilmente caímos no êrro tão comum da "utopia transcendente" (21). Na mesma discussão Tillich assevera que Cristo é o centro da história, e, portanto, o significado final da história — isto é, o seu significado escatológico — consiste sômente na preparação da recepção dêsse centro (uma concepção aproximada à de Teilhard de Chardin. Está claro que Tillich mantém essa tensão do "já, mas ainda não", o que Reinhold Niebuhr afirma de forma inequívoca quando diz que o fim da história tem sentido para o cristão sômente com respeito à vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo (22). Mas êle rejeita com igual vigor o conceito de escatologia que fala sômente em linguagem transcendente e aquêle que a êsse se opõe, de uma escatologia exclusivamente imanente e histórica.

Uma das mais peculiares contribuições no estudo da escatologia cristã em nosso tempo é a de Rudolf Bultmann. Bultmann não reconhece qualquer real presença do Reino, no sentido literal, mas enfatiza o efeito do Reino totalmente transcendente sôbre a pessoa individual que, em cada hora da vida, precisa fazer uma decisão a favor ou contra a vontade de

Deus. Diz êle que o real significado do Reino de Deus para a mensagem de Jesus não depende em nenhum sentido dos eventos dramáticos, mas do efeito do Reino transcendente sôbre a existência (23). Isso significa que, para Bultmann, a mensagem do Evangelho como mensagem **de e para** a libertação do homem, tem de ver exclusivamente com a esfera da existencialidade subjetiva. Conforme Bultmann entende o pensamento de Jesus, o Reino, como ordem real de pessoas, não existe e não pode existir. O Reino significa a vida supra-temporal do próprio Deus, e tôdas as referências parabólicas a êle e todos os conceitos teológicos de sua natureza, são meramente símbolos e mitos. Êsse fato, porém, assevera êle, não remove o Reino da esfera do real, porque é de fato a realidade final e última. Cada homem confrontado por essa realidade, na fé, terá de responder, terá de decidir à luz das exigências divinas para com êle: "O homem, diz Bultmann, **agora** permanece sob a necessidade de decisão... seu "Agora" é sempre a última hora, na qual a sua decisão... a favor de Deus é exigida" (24).

É com Karl Barth, porém, que chegamos à exposição escatológica na esfera da pura transcendência, porque em seu pensamento achamos a distinção completa entre o tempo da história, do calendário, no qual o homem está confinado, e o tempo que é província da revelação, de Deus. Em seus primeiros trabalhos, como no seu comentário à "Epístola aos Romanos",

(21) Paul Tillich — *The Kingdom of God and History*, p. 225.

(22) Reinhold Niebuhr — *Faith and History*, p. 175

(23) R. Bultmann — *Jesus and the Word*, pp. 40ss.

(24) R. Bultmann — *Op. cit.*, p. 131.

Barth chega a afirmar que o Reino de Deus não foi trazido à terra, nem mesmo o mais tênue fragmento dêle; e que, contudo, foi proclamado; não veio, nem mesmo em sua forma mais sublimada; e, contudo está próximo, à mão. O Reino de Deus permanece assunto da fé, sua revelação em Jesus Cristo é matéria de fé (25). Deus, para êle, age na história, mas não é condicionado por ela, porque permanece acima e além do tempo histórico. Não considera o fim como o término do processo histórico, como se o calendário parasse um dia para dar lugar à eternidade. O tempo não é dissolvido pela eternidade, mas é marcado por ela como finito. O tempo para o qual aponta a esperança cristã, não é o da finitude, mas o da eternidade de Deus, que não é uma continuação do tempo histórico, mas uma completamente outra dimensão, à qual também pertence a Encarnação.

Muitas vezes se levantaram contra êsse radicalismo de Barth, porque julgaram não ter feito êle justiça à doutrina bíblica escatológica, e, assim, Barth, mais recentemente, modificou suas posições mais extremadas. Sua visão do tempo em que o homem vive parece niilista, não deixando aberturas à participação do homem e à construção do futuro. Folke Holmström, que discute pormenorizada-mente as idéias escatológicas de Barth, acusa-o de ter feito exatamente o que procura evitar, isto é, desloca o pensamento bíblico da eternidade com uma categoria filosófica — o Absoluto. Como recon-

cebe Barth seu conceito radical da escatologia com o ensino do Nôvo Testamento a respeito das "últimas cousas" e do Reino de Deus? A chave para essa harmonização êle a encontra nas referências neotestamentárias ao "Reino de Cristo" como distinto do Reino de Deus. Essa distinção que êle acha clara em 1 Co. 15. 22—28 e implícita em Cl. 1. 13, torna possível para Barth falar de um reino que se espera dentro da história e um Reino consumado fora dela. Estamos agora no Reino de Cristo, mas nossa relação com Deus aqui e agora é provisória, uma antecipação da relação com Êle, em glória, que há de vir (26).

Seguindo essa mesma pista de Barth, mas desenvolvendo-a mais compreensivamente, Oscar Cullmann vê no "Reino de Cristo" a solução do problema da relação Igreja—Reino de Deus. A despeito da opinião em contrário de Karl Ludwig Schmidt de que o Reino de Cristo é a mesma coisa que o Reino de Deus, no Nôvo Testamento (27), Cullmann afirma que o Reino de Deus e o Reino de Cristo são tão pouco interligados como a Igreja e o Reino de Deus. O Reino de Cristo e a Igreja não são idênticos, mas estão muito ligados um ao outro porque participam da mesma espécie de tempo. Isso distingue ambos do Reino de Deus, que não pertence a êste tempo. Também para Cullmann, contudo, "a concepção de tempo no Nôvo Testamento caracteriza-se justamente pela tensão entre "o já realizado" e "o ainda não consumado". Essa tensão, continua êle, percorre todo

(25) K. Barth — *The Epistle to the Romans*, p. 102

(26) K. Barth — *The Resurrection of the Dead*, pp. 176ss.

(27) K. L. Schmidt — *A Igreja no Nôvo Testamento* — ASTE — *Verbete Reino e Rei*, p. 93.

o Nôvo Testamento. Na pregação de Jesus, como na da Igreja o Reino de Deus não está ainda presente e só aparece no final; e, entretanto, já irrompe ali mesmo onde Jesus está presente (Mt. 12. 28) (28).

Talvez o teólogo de maior evidência na teologia contemporânea seja Jürgen Moltmann. seu livro "Theology of Hope" põe de lado, de certa forma, essa escatologia transcendental que apresenta um Deus irreal e uma realidade sem Deus. No seu próprio dizer não aceita a alternativa entre uma fé sem esperança e uma esperança sem fé. Ele se situa no que, com seu consentimento, se pode chamar de uma teologia política. Isso significa a opção por uma "praxis" cristã, uma aceitação imediata da responsabilidade da construção do futuro, por parte do homem. Essa, todavia, não é uma construção desordenada, um humanismo sem Deus, mas uma efetiva ação do homem no plano da história, na qual êle se torna o cooperador de Deus na construção do Reino que êle mesmo não poderá consumir. Para Barth, o futuro está formalmente à frente e o presente não serve para moldar o futuro. Moltmann tenta corrigir essa perspectiva mostrando uma perspectiva profética da escatologia: o futuro vem ao presente para atraí-lo e o homem responde a essa atração caminhando para o futuro. É um esquema escatológico que provoca — talvez como nenhum outro — a responsabilidade do homem. Mas qual a base da esperança cristã para Moltmann? Ele responde que a "a esperança cristã

no futuro vem da observação de um evento único, específico — o da ressurreição e aparecimento de Jesus Cristo" (29). Com Barth, êle afirma que nosso futuro depende de um evento passado: a ressurreição. Mas não identifica o vento da ressurreição com nosso futuro. A ressurreição é a base do futuro, mas êsse não é acabado. A ressurreição é a promessa do que virá. Deus é o Deus do futuro. Nossa confiança em Deus é nossa confiança no futuro, como se o futuro fôsse uma frondosa árvore potencialmente escondida na semente da ressurreição de Cristo.

Desejo terminar estas considerações sobre Moltmann, citando estas suas palavras: "Estou preocupado com o desenvolvimento de uma teologia política. Mas tenho resolvido também reflexionar, com mais intensidade do que antes, sobre o sentido da cruz para a teologia, para a Igreja e para a sociedade. Numa cultura que glorifica o sucesso e a felicidade, e é cega para o sofrimento de outros, lembrando que no centro da fé cristã está um Cristo mal sucedido, sofredor e agonizante, podem os olhos do homem se abrir à verdade, esmagar a tirania do orgulho e acordar para a solidariedade com aqueles que são feridos e humilhados por nossa cultura. A lembrança de que Deus levanta um crucificado e dêle faz a esperança do mundo pode ajudar as igrejas a quebrarem suas alianças com os poderosos e entrar na fraternidade dos pequenos. Está claro que os pequenos têm bastante advogados, mas êles precisam é de irmãos" (30).

(28) Oscar Cullmann — Pedro — discípulo, apóstolo e mártir — ASTE, p. 222.

(29) J. Moltmann — Theology of Hope, p. 194.

(30) J. Moltmann — Politics and the Practice of Hope — The Christian Century, Vol LXXXVII, N.º 10

III. O chamado da escatologia

Acrescentamos aqui, quase num atrevimento, estas considerações finais:

1. A redescoberta da escatologia constitui uma chamada à Igreja para ajudar o homem a descobrir, no catálogo das possibilidades para o futuro, aberto quem sabe ao acaso das situações, a via cristã do amor. Mas, para isso, a Igreja encarnada na história, terá de descomprometer-se com tôdas as formas do "status quo", para poder agir a favor do homem, em qualquer das múltiplas possibilidades. A Igreja que encontra seu lugar na sociedade chamada cristã e adquire crescente influência sobre a escola, a imprensa e a política, é automaticamente mais influenciada pelos poderes da sociedade, especialmente pelo Estado, do que ela pode imaginar. O modo como largos setores da Igreja cederam ao nacional-socialismo, na Alemanha de Hitler, deve constituir uma lição da história à Igreja toda. A Igreja deve comprometer-se, isto sim, com o homem envolvido nessas estruturas da sociedade, mas deve permanecer inflexível à tentação de se tornar uma instituição rígida ao lado de outras, reconhecida e apoiada, bem colocada pelos padrões de sucesso deste mundo.

2. O futuro está aberto diante do homem. Trata-se de um futuro cheio de ambigüidades, para o homem sem Deus. Nas opções feitas até aqui o homem tem enveredado pelo caminho tortuoso do aumento das barreiras raciais, sociais e nacionais. Em face das divisões humanas, terrível retrato da angústia e ansiedade crescentes, que é do testemunho da re-

conciliação dado pela Igreja? A redescoberta do tema escatológico, com tôdas as suas conseqüências, deve despertar a Igreja para o reconhecimento de sua responsabilidade de romper com o denominacionalismo e caminhar para a unidade, pois a falta de unidade da Igreja é um escândalo à mensagem de reconciliação em Cristo, de que ela é portadora.

3. A redescoberta da escatologia é um convite à reavaliação da esperança como um dom divino. Harvey Cox chama a atenção para a afirmativa de Ernst Bloch de "que" o princípio da esperança" que foi o gênio tutelar do cristianismo primitivo, já não deve ser encontrado no cristianismo; foi assumido em nosso tempo pelos comunistas. São os comunistas que olham com confiança para o futuro, enquanto os cristãos pensam melancolicamente nas províncias perdidas e nos privilégios sepultados" (31). Está a Igreja pronta a retomar sua missão junto aos homens, confiando nesse dom divino da esperança e não simplesmente renegar essa tarefa para guardar-se dentro de sua terra de Canaã?

4. A redescoberta da escatologia é um chamamento para tomarmos a sério a vida do homem aqui e agora. Na escatologia tradicional o caminho da esperança é o caminho da rejeição e da fuga, a rejeição do mundo e a fuga para um reino e um céu "separados". Essas esperanças para-terrenas têm um elemento válido: a recusa de aceitar os fatos óbvios da vida cotidiana como limites finais à esperança do homem. Mas encorajam a des-

(31) Harvey Cox -- Que a serpente não decida por nós, p. 70.

preocupação e a irresponsabilidade com o aqui e agora. Ver, porém, o futuro como aberto à construção do homem, é ser chamado à responsabilidade. A Igreja é chamada à presença responsável, isto é, profética. A escatologia apocalíptica é um convite à alienação, cria "um clima de negação do mundo, o fatalismo, o afastamento dos afazeres humanos e, por vezes, até uma virulenta antimundanalidade" (32). A escatologia telefinalista, no modelo de Lecomte de Nouÿ, é cheia de orgulho, mas desencoraja a iniciativa e a responsabilidade por ser fatalista. Contra essas perspectivas que acomodam o presente a um futuro fatal, a visão profética vê o futuro transformando o passado, isto é, vê o futuro, com suas múltiplas possibilidades anulando o poder determinante do passado" (33). Temos de nos perguntar se o futuro não recebe a mediação do presente, de modo que a história seja o meio pelo qual Deus faz o futuro, que estaria, portanto, totalmente aberto diante de nós. Se assim é, é sem limites nossa responsabilidade na ação no presente sob a direção de Deus.

Conclusão

A escatologia, dentro dessas reflexões tôdas, é um convite à renovação. É sintomático que, em

(32) Idem, idem — p. 52.

(33) Idem, idem — p. 57.

nosso tempo, por tôda a parte, nos mais diversos centros e escolas de teologia, bem como nas diferentes igrejas, a recuperação da teologia da esperança se alia à atmosfera de renovação e ao chamamento à responsabilidade do homem e, especialmente, do cristão. O movimento ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas a escolher para a Assembléia de Uppsala o Moto: "Eis que faço novas tôdas as cousas" e o chamado do Papa João XXIII para o "aggionamento" da Igreja, são os sinais maiores de tôda a ebulição que nos permite entrever o futuro com esperança. A esperança cristã não é um otimismo cego. É esperança que vê sofrimento e contudo crê na liberdade. Como Jesus Cristo, seu Senhor, a Igreja endureça seu rosto na direção da Jerusalém do perigo e, na perspectiva da Cruz encontre a glória de servir aos homens amados por Deus. Corra a Igreja os riscos inerentes à sua renovação. Deixe a Igreja a procura mundana de sua segurança. Seja menos ciosa da organização para o sucesso. Descubra sua destinação como companhia de fiéis, em meio ao intrincado das relações no mundo de hoje. Aceite os riscos e perigos de incompreensão e rejeição, porque seu Senhor foi incompreendido e rejeitado. Descubra a sua cruz e carregue-a, confiando na ressurreição.